

Amigo Graciliano » Otto Maria Carpeaux

Destruíram tudo, igrejas, chafarizes, enseadas, a própria Natureza. Também destruíram a Livraria José Olympio. Sei que será reconstruída. Mas já não será a mesma, essa loja pequena, escura e quente como o diabo. Foi ali que tive a sorte, por volta de 1941 ou 1942, de entrar em contato com os representantes de um período esplêndido, talvez o ponto mais alto em toda a história da literatura brasileira.

Quase todos eles, conheci-os ali. Mas nem todos eles costumavam frequentar com pontualidade a livraria. Quase nunca: Otávio de Faria, descansando, durante o dia, do trabalho noturno; Augusto Meyer, marcando encontros no Instituto Nacional do Livro, ou antes desencontros; e Cecília Meireles, da qual só muito mais tarde ousei aproximar-me. Não tão raros os caríssimos Lúcia Miguel Pereira e Otávio Tarquínio de Sousa, mas conheci-os ali. Raros, porém, o querido Manuel Bandeira, que hoje está tão perto de mim e então me parecia olímpico, e Carlos Drummond de Andrade, trabalhando até altas horas no gabinete do Ministro Capanema. Raro também Jorge de Lima, que recebeu no seu consultório de médico, entre quadros e peças de cerâmica, dando injeções e falando de anjos surrealistas. E Guimarães Rosa ainda não tinha chegado da Europa.

Os *habitués* da livraria eram José Lins do Rego, preocupado com a saúde e o futebol; Murilo Mendes, que durante certo tempo, no início, me evitou porque um inimigo comum lhe tinha dito que eu não queria saber de música; Aurélio Buarque de Holanda, ainda com cabeleira e sem dicionário; Vinícius de Moraes, perseguido pela censura estado-novista; Adonias Filho, o único baiano que fala pausadamente, e Brito Broca, falando pela palma da mão em cima da boca; Amando Fontes e Cyro dos Anjos; Astrojildo Pereira, o mais cordial dos revolucionários; Órris Soares, evocando a memória de Augusto dos Anjos; Gastão Cruls e Santa Rosa; e Marques Rebelo, zombando de todos nós. Quantos amigos! Quantos nomes! Mas não são os nomes, por melhores que sejam, que fazem uma literatura, nem suas obras. A literatura brasileira daqueles dias foi grande porque já constituindo uma força na vida da nação, justamente aquilo que ela hoje deixou de ser. A personificação dessa força viva era o homem sentado num banco como de réus no mais escuro fundo da livraria: Graciliano Ramos.

Foi muito amigo meu e por isso mesmo a mão me treme e os contornos escorregam, frustrando a tentativa de esboçar-lhe o retrato. Já parecia mais velho do que era, um pouco curvado pelas experiências, e tinha na cara sempre amarga um sorriso fascinante. Gentileza e maneiras quase de aristocrata e fala rústica

quase de caipira. Costumava acrescentar, no fim de todas frases — “como o diabo”; e certa vez confessou gostar dos franciscanos “como o diabo” Parecia simples e era leitor de muitos livros, inclusive de etruscologia e inclusive de livros cuja leitura negou obstinadamente. E ostentava um irremediável pessimismo.

Mais do que Machado de Assis, que sabia disfarçar, é Graciliano Ramos o maior pessimista desta literatura de pessimistas que é a brasileira. Mas o pessimismo não é critério literário. Afirmar aquilo não significa contribuir para a caracterização da obra de Graciliano. Muito já se tem escrito sobre ela e muita coisa boa e acertada. Não acredito, porém, que já se tenha dito a palavra definitiva. Mas como poderia eu dizê-la? Não me julgo capaz para tanto, mormente nestas linhas só dedicadas a uma amizade e a uma saudade. Quando muito, diria que esse romancista tipicamente nordestino tem pouca coisa em comum com o romance tipicamente nordestino do seu tempo (e sinto, neste momento, que ele está de acordo comigo). O romance nordestino dos anos de 1930 foi neonaturalista. Graciliano não é *neo* nem naturalista. Se naqueles anos já tivesse existido o termo “neo-realista” seria mais exato; mas também seria, ainda, inexato. Há pouco li num jornal suíço uma breve crítica da tradução, para o alemão, de *São Bernardo*: o crítico fala de “força ciclópica” mas não propriamente para elogiar, antes pensa nos “muros ciclópicos” de cidades esquecidas, nos blocos erráticos que não se enquadram na paisagem civilizada. Há um grão de verdade nisso. Mas o “ciclópico” antes se encontra na matéria-prima do romancista, que ele transfigura a seu modo. Da miséria tão realisticamente descrita do intelectual pequeno-burguês numa pequena cidade nordestina, em *Angústia*, irradia — como bem disse um crítico norte-americano — “the world’s sorrow”; e “a tristeza deste mundo” também irradia do regionalismo revolucionário de *Vidas secas*. Esse homem que espera um mundo melhor não renega, no entanto, o desespero de Hardy: “... to wait in unhope” Já o compararam, *et pour cause*, aos grandes romancistas russos pré-revolucionários. Ingleses ou russos, não importa, sua obra é especificamente brasileira, brasileiramente triste, e o autor dessa obra é um pessimista.

Rico é o anedotário a respeito. Numa dessas histórias estou mesmo eu figurando; não sei por que me atribuíram o papel de ter sido o parceiro do diálogo. Teria eu dito a Graciliano: “Os tempos são tão ruins que vamos acabar pedindo esmola” E ele, respondendo “Mas a quem?” — Autêntico é, porém, o diálogo seguinte: encontrando Graciliano, eu disse: “Bom dia!”; e ele respondeu: “Você acha?”

Esta história, eu posso contá-la. Outras, não. Dotado de agudo senso crítico, Graciliano reconheceu as fortes diferenças formais e sociais entre a literatura novelística de sua terra, e por outro lado, o modernismo propriamente dito do Rio e São Paulo. Se eu repetisse o que ele costumava dizer a respeito, até hoje me matariam, já que não podem matar o defunto. Nada posso revelar do que ele disse sobre poetas e escritores vivos; parecia tão maldizente como Marques Rebelo, até mais. Certa vez, um escritor cearense elogiou, em sua presença, os romances de Rodolfo Teófilo, que Graciliano achava lamentáveis. O cearense recuou para a segunda linha de defesa, exaltando a personalidade do romancista falecido: “A vida de Rodolfo Teófilo foi superior à sua obra” Mas Graciliano insistiu: “Qualquer vida teria sido superior à sua obra”

Às vezes, chegou a ser cruel. Explicou o grande número de admiradores de um poeta (já falecido) por hipotética perversão sexual dele. Explicou os grandes sucessos de livraria de um romancista (ainda vivo): “É tão analfabeto como seus leitores” Durante a guerra, alguém justificou, em sua presença, a necessidade de destruir certas obras de arte para encurtar a luta e economizar vidas humanas. Mas Graciliano, aborrecido, interrompeu: “Não apoiado. Ninguém poderá refazer aquelas obras, mas nada é mais fácil do que fazer um homem” Num momento desses, não se reconheceu em Graciliano o homem que tinha fé na revolução e no futuro da humanidade. Graciliano era comunista. Nem sequer se duvida de sua impecável ortodoxia. Mas certas respostas suas, a adversários, eram evidentemente irônicas. Tinha voltado da Rússia, entusiasmado, elogiando tudo, inclusive a incrível estabilidade dos aviões soviéticos. Um dos circunstantes, desconfiado, ousou falar na inevitabilidade dos “buracos de ar” Imperturbável, Graciliano respondeu: “Pois é, os russos já chegaram a calçar esses buracos” E outra vez, em conversa íntima comigo, disse: “A luta pelo socialismo é uma beleza, mas a vitória do socialismo — uh!”; o fim da frase não era uma palavra, mas uma exclamação indefinida. Tinha fé; e, no entanto, era desconfiado.

Seria melhor dizer desconfiadíssimo.

O Globo, Rio de Janeiro, 1953 [?].
Recorte pertencente à Fundação Casa de Rui Barbosa.
Pesquisa de Zenir Campos Reis.